



SOR JUANA INEZ DE LA CRUZ E ALEJANDRA PIZARNIK: diálogo entre vozes femininas na literatura latino-americana

RESUMO: Sor Juana Inés de la Cruz (mexicana) e Alejandra Pizarnik (argentina) são foco deste estudo que busca analisar e discutir os discursos subjetivos dessas vozes femininas que ecoam na literatura latino-americana. Com base nos temas escritas de si, análise da subjetividade, escrita de autoria feminina e literatura latino-americana, realizamos um recorte bibliográfico de dois textos pertencentes às escritas do “eu”: a carta “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz” (1691), de Sor Juana Inés de la Cruz, e “Diarios” (1960- 1968), de Alejandra Pizarnik, a fim de analisa-los e promover uma discussão acerca da presença da mulher latino-americana na literatura através de seus discursos subjetivos e como o “eu” destas autoras dialoga (vam) com outros “eus” coletivos. Como suporte teórico deste estudo, lançamos mão dos pressupostos dos teóricos: Paz (1989), Nitrini (2010), Carvalhal (1998), Blanchot (2005), Lejeune (2010), entre outros.

INTRODUÇÃO

A escrita de autoria feminina latino-americana vem buscando seu espaço dentro do âmbito literário há muito tempo. O presente ensaio busca dar voz à literatura considerada marginal, realizando um estudo, ainda que de forma breve, dentro dos pressupostos da Literatura Comparada de duas obras da literatura latino-americana de autoria feminina. Os textos que serão analisados são pertencentes às escritas de si, logo são permeados pela subjetividade, interesse deste estudo. Alia-se uma série de interesses de pesquisa que são: escritas de si, análise da subjetividade, escrita de autoria feminina e literatura latino-americana. As autoras que serão estudadas são duas mulheres separadas temporalmente, a saber: a primeira é pertencente ao período do barroco latino-americano, a mexicana Sor Juana Inés de la Cruz (1651-1695); e a segunda é uma autora contemporânea, a argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972).

A pesquisa aqui proposta está voltada para experiências reais de escritoras que se valem da subjetividade¹ impregnada em suas obras para falarem de si, do outro – “eu” coletivo - e também de seu tempo. Trabalhando a partir de dois extremos, do barroco à contemporaneidade, busco compreender qual o papel representativo da figura feminina nesses períodos, não só no âmbito literário, como também no histórico-social. De um lado temos Sor

¹ Este conceito será definido mais adiante com referência específica do campo literário, embora saibamos que ele é objeto de estudo da Psicologia, da Linguística Aplicada (ensino de línguas) e também da Linguística. Nesta área temos a pesquisa de Possenti (1988) intitulada *Discurso, estilo e subjetividade*.



Juana, pertencente ao período barroco, com todas as limitações possíveis existentes no que tange ao lugar da figura feminina, não só na literatura, mas também em outros espaços sociais. Do outro lado temos Alejandra Pizarnik, escritora contemporânea, também em conflito com o seu tempo, mas pertencente a um outro momento, em que as mulheres começavam a possuir um lugar mais significativo na sociedade latino-americana.

Pizarnik tem um papel diferente e uma outra voz nesse estudo comparado, porque o feminismo começa a desenvolver-se a partir do século XIX (MISKOLCI, 2010), início do século XX. Portanto, já havia movimentos que reivindicavam o lugar da mulher na sociedade e isso diferencia as escritoras estudadas e a liberdade de autoria das mesmas. Na atualidade, a mulher pode adentrar o universo literário e intelectual, mas no período em que Sor Juana viveu (século XVII), a mulher não tinha livre acesso ao conhecimento, pois o saber era algo destinado aos homens, sobretudo em uma colônia como era o caso do México na época. A mulher só poderia ter acesso à literatura e outras formas de conhecimento se fosse pertencente à aristocracia, ou inserida no meio religioso, como foi o caso de Sor Juana que, além de pertencer a uma família abastada, se tornou também freira. Então, é a partir desse lugar que ela, através de sua obra, reivindica o espaço da figura feminina nas letras.

As produções literárias escolhidas para análise a partir do método comparatista são: a carta intitulada “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz” (1691), de Sor Juana Inés de la Cruz², e “Diarios” (1960- 1968), de Alejandra Pizarnik. Diante destas produções, impregnadas pela presença do “eu”, percebemos a mulher latino-americana que dialoga com o seu tempo, que nos apresenta suas angústias, questionando o seu lugar na sociedade através da questão existencial. Mediante a presença da subjetividade na escrita dessas autoras, podemos perceber o “eu” nessas produções literárias e, a partir disso, promover uma discussão sobre a presença da mulher na literatura latino-americana através de seus discursos subjetivos.

Nitrini (2010) aponta que o estudo comparado da literatura latino-americana deve partir da história e da literatura universais da época estudada, sobretudo quando se concentra em autores representativos da literatura na América Latina. Nesse sentido, opto por obras pertencentes às escritas de si, com o intuito de analisar, através da subjetividade, a presença do “eu”, o posicionamento e o olhar subjetivo dessas mulheres frente a períodos distintos da

² Escolhi esta carta por se tratar de um texto com marcas mais explícitas de subjetividade, foco de meu interesse, porém, não ignoramos a vasta produção poética de Sor Juana, sobretudo seus sonetos que demonstram um grande rigor com a linguagem literária.



literatura, valendo-se de nomes que tenham um lugar significativo na literatura latino-americana de autoria feminina: Sor Juana no barroco e Alejandra Pizarnik na contemporaneidade.

4. Diálogos possíveis entre Sor Juana Inés de la Cruz e Alejandra Pizarnik: O “eu” feminino contra a sociedade patriarcal.

Temos para análise neste estudo mulheres que viveram para as letras e que morreram em função delas. Sor Juana renunciou ao saber pressionada pela Igreja Católica de sua época, morrendo logo após a publicação de sua “Respuesta” ao bispo de Puebla. Pizarnik era uma mulher que não se identificava com o seu tempo e nem com o fluxo das horas, penetrava seus diários a fim de ‘espremer’ deles, a partir do processo de escrita e reflexão, algo que lhe auxilia-se em um grande romance futuro. Ao não satisfazer-se plenamente, somado à problemas pessoais vividos, acabou por suicidar-se.

Alejandra Pizarnik não precisou medir as palavras em seus diários, não precisava estar de olho na inquisição como Sor Juana. O que temos aqui, são mulheres de tempos distintos, com pouco espaço e pouca voz, comparado ao lugar que o homem possuía/possui na sociedade. Isso se deve ao fato do cerceamento da liberdade concedida às mulheres, visto que, por muito tempo o único papel destinado as mulheres era o de donas de casa e mães, pois a mulher não possuía muito espaço para discussão de suas ideias.

Dado o período em que viveu Sor Juana e mesmo não existindo, na época, movimentos que reivindicassem a inserção da mulher nas decisões sociais e na aquisição de conhecimentos, a autora argumenta com verdadeira maestria essas questões na carta “Respuesta” e, a partir do seu lugar, de freira e monja, busca emancipar-se mediante um discurso que até hoje é lembrado, estudado e (re)significado, como nas palavras de Fiori (2013).

Sor Juana se opõe a imposições patriarcais de seu tempo partindo de uma concepção autêntica do papel da mulher na sociedade. Embora os conceitos de ideologia e emancipação não fizessem parte de seu momento histórico, a monja desenvolveu uma engenharia argumentativa que transcende as meras reiterações de arquétipos barrocos e, com ela, lega aos estudos culturalistas do século XX e XXI o gérmen de um livre-pensar que engendra os princípios da emancipação tanto do homem quanto da mulher (FIORI, 2013, p.07)



A mulher foi, por muito tempo, de pouca representatividade, tanto socialmente, quanto intelectualmente, visto que não se julgava importante inseri-las nesses meios e suas funções básicas eram destinar-se à casa e à família. Esse espaço diminuto da mulher no âmbito social e intelectual, justifica o fato de termos poucas escritoras em voga e de reconhecido prestígio em nossa literatura, comparado ao lugar que a figura masculina ocupa nesse meio.

E se conhecemos as condições de vida da grande maioria das mulheres nos séculos passados, os obstáculos que enfrentavam – das teses médicas “provando” sua incapacidade intelectual, ao reforço dos filósofos e governantes incentivando o recolhimento – não podemos nos admirar do reduzido número de escritoras hoje conhecido. A interiorização de normas morais e da culpabilidade com certeza deve ter impedido a muitas de se dedicar à literatura. Hoje sabemos que as medidas protecionistas em torno da mulher visavam mantê-las, a qualquer custo, fora do mundo do trabalho, cuidando unicamente dos filhos e do lar. (DUARTE, 1997, p. 56-57)

Mas apesar de todas essas questões enfrentadas pelas mulheres ao longo da nossa história na América Latina, algumas delas conseguiram se sobrepôr a esses empecilhos, firmaram-se, fizeram-se ouvir por aqueles que as marginalizavam³, e mesmo hoje sendo mais (re)conhecidas por estudiosos das áreas de Literatura de Língua Espanhola e de Estudos de gênero na América Latina, do que pelo grande público leitor, visto que, no que tange a Literatura latino-americana, ainda predominam no ideário geral dos leitores figuras masculinas. Diante do que o homem produziu na literatura ao longo dos tempos, podemos afirmar que as mulheres pouco publicaram (MUZART, 1997), e no que tange a presença destas ‘poucas’ mulheres no cânone literário, pode-se afirmar que as poucas que se sobressaíram, conseguiram imprimir suas vozes e produziram assim, um novo capítulo para a história da literatura de autoria feminina atualmente.

No rastreamento minucioso do processo de exclusão de determinadas escritoras que, historicamente, conseguiram sobrepôr-se aos obstáculos à entrada da mulher na literatura, esta crítica produziu verdadeiros capítulos de uma história outra, diversa daquelas histórias da literatura como fontes canônicas. Dando voz aos silêncios,

³ Para citar alguns nomes: Juana de Ibarbourou (uruguaia), Delmira Agustini (uruguaia), Alfonsina Storni (argentina, que escreve um manifesto feminista), Gabriela Mistral (chilena, prêmio nobel de literatura).



procedendo a “arqueologias” de obras e autoras perdidas no tempo, resgatando do “esquecimento” e da exclusão, obras e autoras seja desconhecidas até então, seja objetos de clichês e de apreciações sumárias. (CAMPOS, 1997, p.129)

A partir do momento em que a mulher começa a escrever sobre si e sobre suas dificuldades para ser aceita no âmbito social, nós temos contato com uma mulher tomada por um discurso subjetivo que busca afirmar-se e empoderar-se através da escrita. Pizarnik, em uma das passagens de seu diário, manifesta sua indignação frente as imposições sociais do que seria a mulher ideal⁴, e diz não estar disposta a ser mais uma, quer seu lugar no mundo, mas não de forma banalizada ou insignificante.

Y aún me parece absurda la vida de casi todas las mujeres de mi edad: amar o esperar el amor, cristalizado en un hogar, hijos, etc. Es más, todo me parece absurdo: tener un empleo, estudiar, ir a reuniones, etc. Siempre he sentido que yo estaba designada o señalada para una vida excepcional. (PIZARNIK, 2003, p. 163)

A autora também comenta o lugar de prestígio da figura masculina e do seu anseio por ser aceita socialmente, sem ter que enquadrar-se nos padrões impostos à mulher de sua época.

Quisiera ser hombre para tener muchos bolsillos. Hasta podría tener siempre un libro en un bolsillo. La ropa femenina es muy molesta. ¡Tan ceñida e incómoda! No hay libertad para moverse, para correr, para nada. El hombre más humilde camina y parece el rey del universo. La mujer más ataviada camina y semeja un objeto que se utiliza los domingos. Además hay leyes para la velocidad del paso. Si yo camino lentamente, mirando las esculturas de las viejas casas (cosa que aprendí a mirar) o el cielo o los rostros de os que pasan junto a mí, siento que atento contra algo. Me siguen, me hablan, o me miran con asombro y reproche. Sí. La mujer tiene que caminar apurada indicando que su caminar tiene un fin. De lo contrario es una prostituta o una loca extravagante (...) (PIZARNIK, 2003. p.58)

⁴ Essas imposições podem ser analisadas sob o viés da violência simbólica que sempre sofreu a mulher.



Sor Juana também criticou seus superiores da igreja e o modo como a mulher era tratada no século XVII, principalmente no que diz respeito à questão da educação destinada às mulheres de sua época, sempre advinda do homem, sem dar lugar para que a mulher também pudesse colocar-se no lugar de mediadora de saberes.

(...) y no hallo que este modo de enseñar de hombres a mujeres pueda ser sin peligro, si no es en el severo tribunal de un confesionario o en la distante docencia de los púlpitos o en el remoto conocimiento de los libros, pero no en el manoseo de la intermediación. Y todos conocen que esto es verdad; y con todo, se permite sólo por el defecto de no haber ancianas sabias; luego es grande daño no haberlas. (Sor Juana, 2006, p.)

5. PALAVRAS FINAIS

Diante das discussões realizadas ao longo deste trabalho percebemos o “eu” feminino carregado de toda sua subjetividade, firmando seu discurso na literatura latino-americana. Podemos tomar a carta de Sor Juana Inés de la Cruz e os diários de Alejandra Pizarnik como narrativas multivocais. A carta de Sor Juana é uma resposta a outro, assim como os diários de Pizarnik são uma resposta a outros. O “eu” destas mulheres está em diálogo com outras vozes, ou seja, seus discursos estão carregados de palavras outras, múltiplas, plurivocais. Mas estas palavras adquirem uma valoração diferente e uma maior amplitude quando estas mulheres as tomam e se transformam em autoras e se revelam. E, ao se revelarem pela palavra, também desvelam e, literariamente, mostram ao mundo outras possibilidades de pensar as questões de gênero e suas relações com os saberes.

Ambas as autoras são envolvidas por suas narrativas, seja pelo diário, ou pela carta, e o resultado que se obtêm desses textos são narrativas de si, de bagagem intelectual e de memória que não se limitam ao passado, ao contrário, nos fazem pensar o presente e, ainda que utopicamente, vislumbrar possibilidades de futuro. Sor Juana Inés de la Cruz e Alejandra Pizarnik são mulheres que conseguiram firmar-se na escrita subjetiva a partir de seus discursos e, através destas produções literárias, produziram Literatura, impuseram-se no âmbito literário tomado majoritariamente por figuras masculinas e provaram que mulher também sabe escrever, dialogar com seu tempo e ter capacidade crítica e reflexiva.



Podemos compreender essas produções, dentre as muitas interpretações possíveis que elas nos possibilitam, como textos de afirmação de mulheres escritoras, personalidades que buscam seu espaço, não só na literatura, como também no meio social como um todo. O “eu” feminino de Pizarnik e Sor Juana está diálogo com o nosso tempo (passado e presente) e marca a literatura de autoria feminina na América Latina de uma forma extremamente crítica, deixando um legado cultural de grande valor para a construção de nossa história, além de ser um incentivo e um grandioso exemplo para novas autoras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manoel de. Juana Inés de la Cruz: glória, esquecimento e redenção. 54.ed. Revista Eletrônica de los Hispanistas de Brasil. 2013. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/429.pdf>> Acesso em 25 de setembro de 2015.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. tradução, Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir/Maurice Blanchot. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos) p.270- 279.

BARROS, G.V. Sórora Juana Inés de la Cruz: A mulher na cidade das letras. Revista Darandina, Faculdade de Letras de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gender e literatura. In: SCHMIDT, R.T. (Org.). Mulheres e Literatura: (Trans) Formando Identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p.127- 135.

CARVALHAL, T. F. Literatura comparada. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

CRUZ, Sor Juana Ines de la. Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz.- Editorial del Cardo. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/39758/1/132027.pdf>> Acesso em 12 de julho de 2015. Unal, 2006.

DIETZEL, Vera Lúcia. Recepção literária na Alemanha: entre o diálogo cultural e algumas escritoras brasileiras contemporâneas. In: SANTOS, L. C. (Org.). Literatura e Mulher: das linhas às Entrelinhas. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002. p. 65-93.s

KAMITA, R. C. & FONTES, L. C. S. (orgs.). Mulher e literatura: vozes consequentes. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015. Disponível em: www.mulhernaliteratura.ufsc.br



LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PIZARNIK, A. Diarios. Ana Becciu (ed.). Barcelona: Lumen, 2003.

